



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: JORNALISMO**

RESENHA CRÍTICA

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 1938. Record: Rio de Janeiro, 2015. 174p.



Lucas Abreu Gonzaga

**FORTALEZA
2019**

1. SÍNTES

Escrito por Graciliano Ramos, o romance *Vidas Secas* aborda o cotidiano de uma família de retirantes composta por cinco integrantes: Fabiano, Sinhá Vitória, seus dois filhos, cujo os nomes não são mencionados, e a cadela Baleia. A história, narrada em terceira pessoa, é inspirada nos vários relatos que o autor ouviu durante a infância sobre os retirantes.

Publicado em 1938, durante o regime ditatorial de Getúlio Vargas, o romance faz parte da segunda fase do Modernismo Brasileiro, possuindo um forte caráter regionalista da prosa da década de 1930. Graciliano Ramos assume um tom crítico e com influências marxistas ao construir uma realidade hostil com protagonistas, que possuem comportamentos animalescos, oprimidos tanto pelo ambiente, quanto pela sociedade e seu sistema de governo injusto.

2. A NARRATIVA

Ambientada no sertão nordestino, a história é dividida em treze capítulos que narram o cotidiano de uma família de retirantes que se refugia em uma fazenda aparentemente abandonada; após uma longa caminhada pela caatinga durante a seca. Dias depois, o proprietário da fazenda aparece e Fabiano, o patriarca, oferece sua força de trabalho em troca de sua permanência e a do restante de sua família naquele lugar.

Em seguida, Fabiano é encontrado na feira do vilarejo próximo a fazenda, indo comprar alguns mantimentos a pedido de Sinhá Vitória. Entretanto, ele acaba se embriagando em uma bodega e perdendo todo o dinheiro que tinha em um jogo de cartas com um soldado amarelo. Irritado, Fabiano acaba brigando com o Soldado Amarelo e indo parar na cadeia. Enquanto isso, na fazenda, Sinhá Vitória espera pelo marido ao lado de seus dois filhos, realizando os afazeres domésticos, lembrando-se do papagaio que tinha e matara para não morrer de fome com a família e desejando possuir uma cama tão boa quanto a de Seu Tomás da Bolandeira, o antigo patrão de Fabiano.

A narrativa avança e foca no cotidiano do filho mais novo de Fabiano e Sinhá Vitória, que possui grande admiração pelo pai e pretende seguir seus passos. Após ser ignorado pela mãe, pelo irmão e por Baleia, o menino decide realizar um feito que os impressione. Ele vai ao curral e monta em um bode. O animal se debate com fúria, derrubando o menino de seu lombo e fazendo-o ser ridicularizado por seu irmão mais velho. O foco, então, muda para o filho mais

velho, muito interessado pelo significado das palavras, que acaba sendo castigado pela mãe por querer saber o que significa “inferno”. Magoados, ele desabafa com Baleia, a qual é bastante apegado, mas a cadela não lhe dá muita atenção, pensando em um osso que roeria mais tarde.

O período chuvas chega ao sertão e a família está reunida na sala, próxima a uma fogueira, onde Fabiano conta fictícias histórias heroicas que vivenciara, mudando-a constantemente por causa dos questionamentos do filho mais velho, e Sinhá Vitória teme que as águas do rio, antes seco, próximo a fazenda inunde-a completamente. A narrativa avança para o período natalino. A família vai a uma festa na cidade, onde centenas de pessoas se amontoam na rua em uma procissão a igreja. Após a missa, Fabiano embriaga-se outra vez, remoendo as humilhações que sofrera pelo Soldado Amarelo, sentindo-se valente, mas acaba adormecendo na calçada da bodega; Sinhá Vitória cuida dos filhos, sonhando com a cama de Seu Tomás da Bolandeira; e Baleia, que se perdera na multidão, reencontra a família, juntando-se a ela.

Eis que chega o momento mais dramático do romance: a morte da cadela Baleia. Fabiano sacrifica-a com um tiro de espingarda por estar muito debilitada pela hidrofobia. Baleia é atingida na perna e se esconde nos fundos da fazenda, onde tem seus últimos pensamentos e delírios e falece, por fim.

Após o desfecho de Baleia, a narrativa revela que Fabiano ganha uma pequena parte do que rendem os bois e os bezerros da fazenda, tendo que pedir dinheiro emprestado ao seu patrão e se endividando. Sentindo que estava sendo enganado, Fabiano pede para que Sinhá Vitória refaça as contas e logo contesta o patrão que lhe diz que era melhor deixar a fazenda, caso não estivesse satisfeito. Ressentido, Fabiano decidi vender alguns porcos no vilarejo, mas logo é impedido por um fiscal da prefeitura que lhe cobra impostos sobre a venda. Fabiano, então, pensa em sair daquela vida de exploração, mas logo se conforma com ela, pois seus antepassados viveram da mesma forma e provavelmente seus filhos terão o mesmo destino. E, observando o céu estrelado, percebeu que a seca estava voltando ao sertão e lembrou-se de Baleia.

Quase um ano se passou desde que Fabiano foi humilhado pelo Soldado Amarelo e mandando para a prisão. O sertanejo o reencontra na caatinga, durante uma caçada a uma égua que havia fugido da fazenda, e pensa em mata-lo com seu facão, mas desiste. O Soldado Amarelo perdido, percebendo que não há perigo, pergunta a Fabiano como voltar para a cidade e ele o ajuda.

A seca está retornando e Fabiano tenta afugentar com sua espingarda os pássaros que bebem as águas dos animais do curral. Ele reflete sobre a seca, o Soldado Amarelo e o trágico destino de Baleia, chegando à conclusão que tinha que se mudar do lugar onde estava. Com a chegada da seca, os animais morreram e a família partira da fazenda de madrugada. Fabiano e Sinhá Vitória conversam sobre o futuro e decidem que a cidade grande seria o melhor lugar para recomeçarem a vida, já que não precisariam mais fugir da seca e dar um novo destino aos filhos, bem diferente daquele que seguiria, se permanecessem no sertão.

3. CRÍTICA

Graciliano Ramos é minucioso na construção da narrativa e dos personagens de *Vidas Secas*. Mesmo que tenham comportamentos semelhantes a animais, cada personagem reflete da maneira mais humana a vida do povo sertanejo de meados do século XX, que sofre com a injustiça social, a miséria, a fome e a seca. O fascínio por cada personagem se dá justamente pela forma como o autor expõe os pensamentos das personagens e suas perspectivas da vida de maneira íntima, mesclando a escrita com a mente de cada um deles, a ponto de torná-los realistas aos olhos do leitor.

Nos parágrafos de cada capítulo, sabemos um pouco mais quem são as personagens, seus anseios, seus sonhos, seus pensamentos e suas perspectivas sobre a vida, muitos deles repetidos durante a trama, dando às personagens camadas substanciais que fogem de uma versão unilateral e que as transformam em mais do que meros frutos do ambiente em que convivem.

Embora a ideia de determinismo em Graciliano, socialmente falando, leve em si as marcas de uma visão trágica nos moldes do romance naturalista, ela não se traduz aqui, pura e simplesmente, em fatalista. (BERNUCCI, 2008)

Por usar esse artifício, Graciliano Ramos cria múltiplos arcos que se constroem de maneira independente dentro da narrativa de *Vidas Secas*, com cada capítulo dando enfoque a uma personagem diferente. O autor não está preocupado em criar um segmento que envolva todos as suas personagens e as desenvolva a partir dali, pelo contrário, ele se preocupa em contar seus cotidianos, conectando-as pelo parentesco existente entre elas e o ambiente em que vivem, fazendo com que o leitor tenha novas perspectivas por meio da ótica da personagem que está em foco e se apegue mais facilmente a família.

[...] Cada um tem o seu ponto de vista, o seu foco. A cada capítulo muda a perspectiva, que ora de Fabiano, ora é de Baleia, ora é do mínimo mais velho etc., nunca é imposta pelo narrador. O eu e os seus outros. A literatura de Graciliano Ramos se articula em torno do problema do outro [...]. (BASTOS, 2015, p. 130)

O apego é onde se concentra toda a dramaticidade de *Vidas Secas*. Os sentimentos das personagens são sentidos gradualmente pelo leitor e se intensificam à medida que a trama vai avançando. Em um dos capítulos mais dramáticos de todo o romance, temos a real noção da dor, da angústia, do medo e da tristeza, ao nos depararmos com a morte de Baleia de maneira tão trágica. Graciliano Ramos mescla mais uma vez sua escrita com os pensamentos e os delírios da cadela, como se o limite entre a ficção e a realidade se estreitassem e a própria Baleia narrasse os seus últimos suspiros de maneira tão crua que é quase impossível não arrancar lágrimas do leitor ou o sentimento de pena e tristeza.

Os personagens secundários também têm seu destaque dentro da narrativa, servindo como peças-chaves no desenvolvimento de Fabiano. O autor utiliza-os como diferentes tipos de opressão ao sertanejo representado pela figura de Fabiano. Tem-se o Soldado Amarelo e o Fiscal da Prefeitura que representam as opressões vindas do governo, sendo caracterizado como autoritário – que Graciliano Ramos faz questão de criticar em boa parte de suas obras – e a outra de poder econômico, e o Patrão que representa as opressões vindas de uma elite sobre uma classe dominada. Cada uma compõe o arco de Fabiano de maneira orgânica e contribuindo para a formação de seus pensamentos e ressentimentos em cada encontro que tem com eles.

Por meio da crítica, Graciliano Ramos traça uma denúncia com sua obra, tanto pelas personagens do Soldado Amarelo, do Fiscal da Prefeitura e do Patrão, como pelos eventos que se desencadeiam com os protagonistas ao longo da narrativa. O autor não pretende contar apenas uma história cíclica vivenciada por uma família em um período de seca, chuvas e seca outra vez, mas denunciar as mazelas sociais vividas pelos sertanejos nordestinos de sua época, adotando principalmente um posicionamento marxista.

O título *Vidas Secas* é o que remete a isso. A vida da família de Fabiano não é apenas seca pela vivência na terra árida do sertão nordestino, mas também é a seca dos estômagos vazios pela fome, a seca de realizações pessoais por causa das opressões e a seca da perda de algo importante, como a morte de Baleia. Esses paralelos são construídos de maneira clara,

direta e verossímil, como representações da vida do sertanejo da época e dos de agora, que ainda permanecem esquecidos no meio da caatinga sem muitas perspectivas de transformações em suas vidas, mas que ainda mantém o sentimento de esperança com a vinda das chuvas ou com a mudança forçada para a cidade, que o autor faz questão de mostrar no último capítulo, com um diálogo curto entre Fabiano e Sinhá Vitória.

Vidas Secas é uma obra ímpar dentro da Literatura Nacional e um marco na segunda fase do Modernismo Brasileiro, feita para aqueles que apreciam uma história curta e crítica, sem perder a emoção e a dramaticidade necessárias para cativar o leitor. É um romance para ler aos poucos, atentando-se aos detalhes das vivências de seus personagens, e para refletir sobre as denúncias que Graciliano Ramos expõe em uma narrativa visceral e angustiante.

BIBLIOGRAFIA

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 1938. Record: Rio de Janeiro, 2015;

BERNUCCI, Leopoldo M. Discurso, Ciência e Controvérsia em Euclides da Cunha, 2008.